

El monasterio y la función social de la arquitectura religiosa: la Cantiga 45 de las Cantigas de Santa Maria del rey Alfonso X (siglo XIII)

O mosteiro e a função social da arquitetura religiosa: a Cantiga 45 das *Cantigas de Santa Maria* do rei Afonso X (século XIII)

The monastery and the social function of religious architecture: the Cantiga 45 of the *Cantigas de Santa Maria* by king Alfonso X (13th century)

Bárbara DANTAS¹

Resumo: D. Afonso quis que sua *obra maestra*, as *Cantigas de Santa Maria*, abarcasse tudo o que o homem vê e sente. E não há nada mais visto e sentido do que a Arquitetura. Em especial para nós a Arquitetura Religiosa. Na *Cantiga 45*, o rei sábio nos presenteia com o relato de milagre no qual um cavaleiro, muito afeito a atitudes vis, quis reparar seus erros e construir um mosteiro dedicado à Virgem Maria. Seu mosteiro teria todos os cômodos e espaços necessários para a vida monacal.

Resumen: D. Alfonso quiso que su *obra maestra*, las *Cantigas de Santa Maria*, abarcara todo lo que el hombre ve y siente. Y no hay nada más visto y sentido que la Arquitectura. En especial para nosotros la Arquitectura Religiosa. En la *Cantiga 45*, el rey sabio nos regala con el relato de milagro en el que un caballero, muy afecto a actitudes vis, quiso reparar sus errores y construir un monasterio dedicado a la Virgen María. Su monasterio tendría todos los comodos y espacios necesarios para la vida monacal.

Abstract: D. Afonso wanted his *obra maestra*, the *Cantigas de Santa Maria*, to encompass everything that man sees and feels. And there is nothing more seen and felt than Architecture. Especially for us Religious Architecture. In *Cantiga 45*, the wise king presents us with a miracle report in which a knight, very affectionate to bad attitudes, wished to repair his errors and build a monastery dedicated to the Virgin Mary. His monastery would have all the rooms and spaces necessary for the monastic life.

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria – Arquitetura medieval – Mosteiro – Idade Média.

¹ Graduada em História, Mestre em História da Arte e doutoranda em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *Website*: www.barbaradantas.com. *E-mail*: babicovre@gmail.com.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Palabras-clave: Cantigas de Santa Maria – Arquitectura medieval – Monasterio – Edad Media.

Keywords: Cantigas de Santa Maria – Medieval architecture – Monastery – Middle Ages.

ENVIADO: 06.06.2019 ACEPTADO: 15.06.2019

I. A Cantiga 45 das Cantigas de Santa Maria

A Cantiga 45 narra a história de um cavaleiro rico e fidalgo que vivia em meio à violência.

Seus vizinhos muito mal diziam dele: não privava de suas crueldades mãe e filho, casa ou igreja, homem ou mulher. Mas, em determinado momento de sua vida, reparou que muito pecou e, por isso, pensou em construir um mosteiro. Durante a refeição, imaginou a construção: seria completa para albergar confortavelmente de 50 a 100 monges com todos os cômodos necessários para isso.

Após comer, saiu à procura de um local em seu feudo para a realização do intento. Mas, infortunadamente, uma dor lancinante e fatal acometeu-o antes de iniciar seu empreendimento. Rapidamente, demônios tomaram sua alma e um grupo de anjos interveio: alegaram que a alma pertencia à Virgem, pois um mosteiro o cavaleiro arrependido decidiu construir para se redimir dos pecados.

Os demônios retrucaram que o nobre foi vil e cruel durante toda sua vida, mas os anjos, sem tardar, foram à Virgem pedir conselho. Esta, desejosa de que o mosteiro fosse construído, suplicou a seu Filho, Jesus Cristo, que salvasse a alma do nobre. Com o consentimento Dele, a Virgem pediu aos anjos para retornarem e livrarem dos demônios aquela alma. Os anjos, então, tomaram o corpo do morto e esse reviveu. O ressuscitado não apenas edificou o santuário como passou a viver em castidade nele.

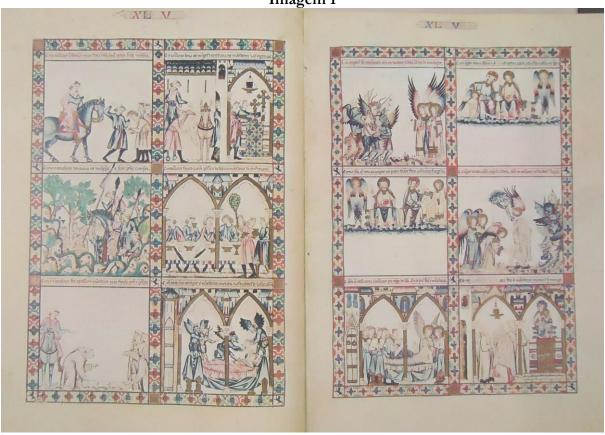
Os versos originais da canção nos mostram que o mosteiro era um *locus* autossuficiente:



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

E, porque sempre os bõos | lle davan mui gran fazfeiro do muito mal que fazia, | penssou que un mõesteiro faria em bõa claustra, | igreja e cymiteiro, estar e enfermaria, | e todo em ssa herdade.²

Imagem 1



Afonso X. Cantiga 45. Cantigas de Santa Maria. Códice Rico. Dois folios com iluminuras de página inteira. Arquivo pessoal.

-

² Trecho do relato de milagre da Cantiga 45 em galego-português medieval. Tradução da autora: "Porque sempre os bons o repreendiam / devido às maldades que praticava, pensou que **um mosteiro** / **faria com um bom claustro, igreja, cemitério,** / **hospedaria e enfermaria.** Tudo em sua propriedade" (grifos meus). Ver AFONSO X, *o Sábio. Cantigas de Santa Maria.* Edição crítica de Walter Mettmann. Madri: Castalia, 1986, p. 168, 26-32.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818



Vinheta 04 do verso do folio da Cantiga 45.

II. Ordo social da Idade Média: a cavalaria

O fidalgo cavaleiro da Cantiga 45 era afeito à "arte da guerra"... não foi diferente de seus pares. A Cavalaria fazia parte de uma ideia de *ordo* social compartilhada por alguns pensadores medievais. Segundo ela, existia uma divisão em *Três Ordens* bem delimitadas entre si e composta de camponeses (*laboratores*), nobres cavaleiros



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

(bellatores) e os religiosos (oratores).³ Como afirmou o próprio rei Afonso X (1221-1284) na sua obra legislativa, Las Siete Partidas:

Os defensores são um dos três estados porque Deus quis que se mantivesse o mundo: e assim como aqueles que rogam a Deus pelo povo são chamados **oradores** e os que lavram a terra e fazem aquelas coisas que permitem aos homens viver e manter-se, são chamados **lavradores**, outrossim, os que têm de defender a todos são chamados **defensores**. Portanto, os antigos houveram por bem que os homens que fazem tal obra fossem muito escolhidos porque para defender são necessárias três coisas: esforço, honra e poderio (grifos meus).⁴

As Ordens estavam estreitamente ligadas, dependiam umas das outras e os nobres cavaleiros tinham uma privilegiada posição. Para Ramon Llull (1232-1315), os cavaleiros eram aqueles que "por nobreza de espírito e por força de armas, possuem a ordem em que estão, para inclinar as pessoas ao temor" e, por isso, "têm o ofício de manter a justiça". O filósofo continua e explica as atribuições dos indivíduos agraciados com o título daquela Ordem:

Não é bastante para a grande honra que pertence ao cavaleiro a sua escolha, o cavalo, as armas e o senhorio, mas é mister que tenha escudeiro e troteiro que o sirvam e cuidem dos seus cavalos; e que as gentes lavrem, cavem e arranquem a maleza da terra, para que dê frutos de que vivam o cavaleiro e os seus brutos; e que ele ande a cavalo, trate-se como senhor e viva comodamente daquelas coisas em que os seus homens passam trabalhos e incomodidades.

Correr em cavalo bem guarnecido, jogar a lança nas liças, andar com armas, **entrar em torneios**, fazer tablas redondas, esgrimir, **caçar** cervos, ursos, javalis e leões e outros exercícios semelhantes, pertence ao ofício de cavaleiro (grifo meu).⁵

Na realidade, as coisas eram um tanto diferentes: no texto da *Cantiga 45*, por exemplo, o cavaleiro, nobre senhor feudal, ao invés de proteger a comunidade, tornou-se emblema do terror e da injustiça entre seus servos, vassalos e para aqueles que residiam em seu senhorio: "sempre os bons o repreendiam devido às maldades que

³ BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 166.

⁴ AFONSO X, o Sábio. *Las siete partidas*. Ed. fac-símile de Salamanca, 1555. *In: BOLETÍN oficial del Estado Madri*, 1985, p. 70.

⁵ RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000. <u>Internet</u>.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

praticava". Sua postura era contrária àquela esperada do integrante da ordem de cavalaria que "defende" a ordem social vigente.⁶

Este tipo de postura da cavalaria medieval foi extensamente documentado em textos e representado em imagens. As disputas em torneios, citada por Ramon Llull acima, foi uma das atividades distintivas dos cavaleiros, porém, ao invés de esgotar suas energias, estimulavam ainda mais o ambiente agressivo que os envolviam.⁷



Imagem 2

Speculum Virginum. Trier – Alemanha, c. 1200. Cavaleiros em duelo. Kestner Museum, Hannover – Alemanha.

_

⁶ HOMS, Roman Piña. *Alfonso, o Sábio e Ramon Llull: suas concepções da justiça e da ordem social.* São Paulo: Instituto Brasileiro de Ciência e Filosofia Raimundo Lúlio, 2013, p. 27.

⁷ "Imagine, de preferência duas multidões vociferantes que se lançavam uma contra a outra e que apenas pensavam em apoderar-se, pela força, do adversário, de seus cavalos, de suas armas. Elas se batiam violentamente. Esses encontros desportivos faziam tantas vítimas que a Igreja tentou, em vão, proibi-los, desejando que os combatentes não se massacrassem uns aos outros e que sobrassem alguns para fazer a guerra contra os inimigos de Cristo". DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 100.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Ao fundar a *Ordem de Cavaleiros da Estrela*, Afonso X desejou utilizar sua atribuição como cavaleiro, rei e suserano em prol da crença mariana, ou seja, em nome da Virgem Maria e a favor dela. Mas, sobretudo, instituir a moral cristã em uma Ordem Social que estava imersa na violência e no esbanjamento.

Prática cavaleiresca mais corriqueira do que a de caçar e guerrear era a de banquetear com família e amigos. Johan Huizinga (1872-1945), em sua obra O Outono da Idade Média, expôs uma interessante perspectiva a respeito dos exageros da nobreza cortesã em torno dos banquetes nos séculos finais da Idade Média. Além de tudo ser motivo para o dispêndio de grandes somas na realização de ostentosos banquetes e festas, o autor explica que este foi apenas um dos costumes daquela vertente social que vivia embebida na ociosidade, visto que apenas recebia (e gastava) o fruto do duro trabalho alheio.⁸

Tão violenta quanto os embates entre cavaleiros nos torneios foi o hábito corriqueiro da caça com falcões ou cães, também citada por Ramon Llull acima. Diversão da nobreza, a caça era praticada nas pastagens e bosques que faziam parte dos domínios senhoriais. Sua prática ajudava a treinar para a guerra, mantinha a disposição física e possibilitava momentos de distração que podiam durar um dia inteiro.

Na obra De Arte Venadi Avidus (A arte de caçar com falcões) do imperador germânico, Frederico II (1194-1250) estão algumas das mais famosas iluminuras que representam a caça com falcões. As Cantigas de Santa Maria também representam o universo em torno deste tipo de caça e sua nobili genere natus, afinal a estirpe real de Afonso X o tornou um apaixonado por aquele entretenimento. As iluminuras historiadas abaixo são referentes a um nobre cavaleiro da Cantiga 44 e ao próprio rei Afonso X na Cantiga 142, respectivamente.⁹

٠

⁸ HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 431.

⁹ Ver a iluminura no *fac-símile* do *Códice de Florença*: AFONSO X, 1979; ver a transcrição da Cantiga em: AFONSO X, 1986-1989, 4 v.

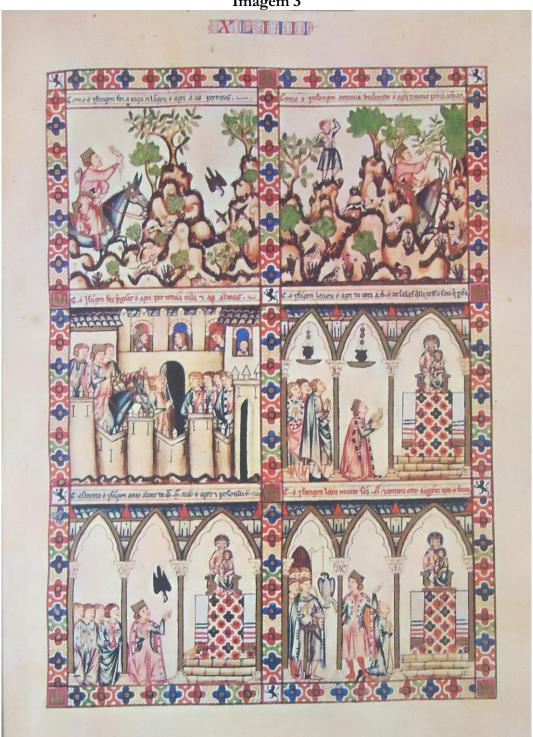


José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). Mirabilia Ars 10 (2019/1)

Tradition and innovation: artistic ruptures and continuities Tradición e innovación: rupturas y continuidades artísticas Tradição e inovação: rupturas e continuidades artísticas

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Imagem 3



Cantiga 44. Iluminura historiada de página inteira. Arquivo pessoal.



José María SALVADOR GONZÁLEZ, Matheus Corassa da SILVA (org.). Mirabilia Ars 10 (2019/1) Tradition and innovation: artistic ruptures and continuities Tradición e innovación: rupturas y continuidades artísticas

Tradição e inovação: rupturas e continuidades artísticas

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Imagem 4



Cantiga 142. Iluminura historiada de página inteira. Arquivo pessoal.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

III. O monacato medieval

Anteriormente, ressaltei que os impulsos de guerra dos cavaleiros chegaram a níveis alarmantes e a igreja interveio: utilizou sua força retórica, religiosa e institucional para conter os ânimos cavaleirescos. Mas outra iniciativa foi anterior àquelas do séc. XI: desde o longínquo séc. VI, milhares de homens se encaminharam para a vida monástica.



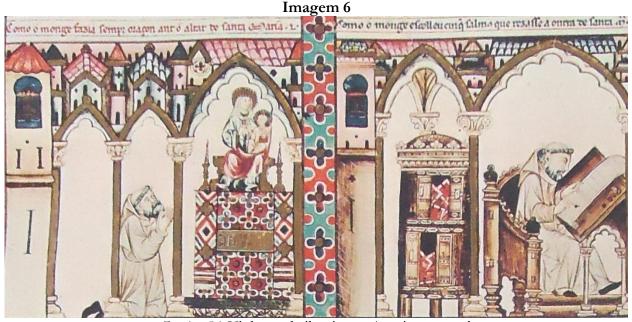
Abadia de Monte Cassino. Itália, c. 529. Pátio do claustro.

O "monacato medieval" foi criado por Bento de Núrsia (480-547) na Itália e foi sob seu atento olhar que construíram o primeiro mosteiro nos moldes do monacato Ocidental, o *Mosteiro de Monte Cassino*, no cume de uma imponente montanha com cerca de 500 metros de altura. Destruído e reconstruído diversas vezes no decorrer da história, sua primeira destruição ocorreu sob um ataque de tropas lombardas poucos anos após a morte de seu fundador.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

E, assim, o monacato medieval canalizou o vigor de uma infinidade de homens para um fim mais espiritual e pacífico, os labores do *ora et labora*, premissa máxima da Ordem Beneditina. Como sugere este detalhe de iluminura das *Cantigas de Santa Maria* (imagem 6) no qual o monge está representado em dois de seus momentos, a oração e a produção de manuscritos.¹⁰



Cantiga 56. Vinhetas da iluminura. Arquivo pessoal.

Por meio do trabalho e da oração, os monges cumpriam sua função social como *oratores* e se desviavam das intempestivas práticas dos *defensores*. Bento de Núrsia, para bem organizar a vida no mosteiro, criou uma regra na qual instituiu normas de convívio e trabalhos cotidianos para os monges e para aqueles que os regiam, os abades. Algumas das proposições são bem específicas para refrear impulsos agressivos:

Capítulo 4 - Quais são os instrumentos das boas obras:

1. Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças; 2. Depois, amar ao próximo como a si mesmo; 3. Em seguida, não matar; [...] 22. Não satisfazer a ira; 23. Não reservar tempo para a cólera [...] Não retribuir o mal

¹⁰ "São Bento repartiu harmoniosamente o trabalho manual, o trabalho intelectual e a atividade mais propriamente espiritual na utilização do tempo dos monges". LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval.* Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 117.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

com o mal; [...] **30**. Não fazer injustiça, mas suportar pacientemente as que lhe são feitas; **31**. Amar os inimigos; **32**. Não retribuir com maldição aos que o amaldiçoam, mas antes abençoá-los; **33**. Suportar perseguição pela justiça; **34**. Não ser soberbo; **35**. Não ser dado ao vinho; [...] **59**. Não satisfazer os desejos da carne; [...] **65**. Não odiar a ninguém; [...] **68**. Não amar a rixa; **69**. Fugir da vanglória.¹¹

A Igreja, por meio de clamores populares e de normas, controlou e desviou as atividades dos cavaleiros para a Península Ibérica, dominada pelos mouros, e para o Oriente, sob o domínio dos árabes. Mas, desde tempos mais remotos que aqueles das Cruzadas, Bento de Núrsia, a Ordem Beneditina criada por ele e os mosteiros medievais, fomentaram o que foi um dos maiores movimentos de homens da Idade Média.

Neste viés, é fundamental destacar a importância da Arquitetura para a comunidade monacal.¹² A última proposição da Regra de São Bento (capítulo 4, número 78) lembra aos monges onde se realiza todas suas premissas, "são, porém, os claustros do mosteiro e a estabilidade na comunidade a oficina onde executaremos diligentemente tudo isso".

O mosteiro foi uma das criações mais originais da Idade Média no Ocidente, seu local de estabelecimento era o campo, lugar no qual a cultura pagã estava entranhada e onde o cristianismo monástico penetrou, desafiador, mas lentamente. Entre os séculos VIII e IX, os monges cristianizaram grande parte das populações pagãs. Atuaram nas fronteiras quase despovoadas e ainda cobertas de florestas da Europa Ocidental para, a partir do séc. XI, entregar ao continente europeu um mundo coberto de santuários, pronto para a reurbanização e para o domínio da Cristandade.¹³

Os homens que formaram a Cristandade medieval tinham seus deveres e foi importante cumprir com honra suas obrigações como seguidores da fé em Jesus Cristo. Assim, a *Cantiga 45* conta que o desregrado cavaleiro decidiu construir o mosteiro em suas terras para compensar seus erros e pecados. Sua recompensa foi viver, enfim, uma vida cristã, pois no interior do edifício santo, encontrou abrigo sereno e distante do mundo violento das batalhas: "e fez seu mosteiro, onde viveu em castidade".¹⁴

_

¹¹ BENTO DE NÚRSIA. Regra de São Bento (c. 530). <u>Internet</u>.

¹² "Não é possível eliminar da arquitetura o problema da função social: constrói-se para a vida". ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 288.

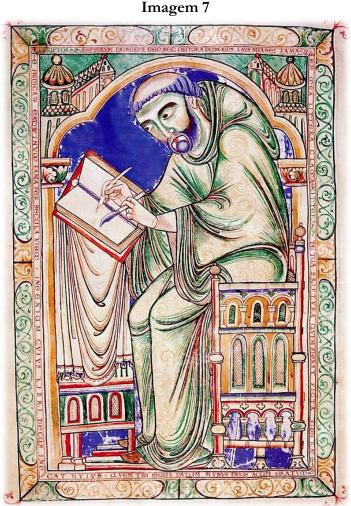
¹³ LE GOFF, 2005, p. 115-116.

¹⁴ "E fezo seu mõesteiro, / u viveu en castidade". AFONSO X, 1986, p. 171 (trad.: Bárbara Dantas).



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

O religioso da imagem 7 é um símbolo daquela mentalidade, do duplo papel do monge como aquele que ora, mas que também trabalha em prol do saber e da fé: escreve com as duas mãos porque uma transcreve o saber do homem, a outra, a palavra divina. O que seria do Ocidente europeu se os monges não tivessem se dedicado com tamanho afinco e abnegação aos labores da cópia e produção de manuscritos?



Saltério de Eadwinus. Inglaterra, séc. XII. Monge copista. Trinity College, Cambridge.

Na iluminura, o "monge copista *Eadwinus*" assenta-se sobre uma simbólica construção que representa a Arquitetura, ou seja, o mundo construído pelo homem, afinal, seu



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

labor silencioso e incansável foi o que mais colaborou para a formação da civilização do Ocidente medieval.¹⁵

Foi no interior do mosteiro, no *scriptorium*, que ocorreu a leitura dos textos bíblicos e canônicos para colher os frutos na produção de manuscritos. A Regra de São Bento, para a qual retorno mais uma vez, prescreveu algumas rígidas normas a respeito desta fundamental e salvadora atividade intelectual: "à leitura deveriam ser dedicadas mil e quinhentas horas anuais!", afirmou o medievalista Ricardo da Costa em um de seus artigos. ¹⁶ Nada estranho para uma comunidade na qual "a ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual e em outras horas com a leitura espiritual".

Abaixo, o capítulo 48, disserta a respeito da postura dos monges durante a Quaresma e as muitas horas dedicadas à leitura:

14. Nos dias da Quaresma, porém, da manhã até o fim da hora terceira, entreguem-se às suas leituras, e até o fim da décima hora trabalhem no que lhes for designado; 15. Nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da biblioteca e leiamnos pela ordem e por inteiro; 16. Esses livros são distribuídos no início da Quaresma; 17. Antes de tudo, porém, designem-se um ou dois dos mais velhos, os quais circulem no mosteiro nas horas em que os irmãos se entregam à leitura; 18. E verão se não há, por acaso, algum irmão tomado de acedia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros.

57

¹⁵ "Graças a essa vida contemplativa monástica medieval, graças a esse laborioso trabalho dos copistas, graças enfim, ao hábito de ler cultivado pelos monges medievais, a civilização manteve acesa a chama do estudo e da leitura, transmitindo aos pósteros a sabedoria e o conhecimento adquiridos e herdados da Antiguidade e desenvolvidos na Idade Média". COSTA, Ricardo. "O deambulatório dos anjos: o claustro do mosteiro de Sant Cugat del Vallès (Barcelona) e a vida cotidiana e monástica expressa em seus capitéis (séculos XII-XIII)." *In:* LAUAND, Luiz Jean (coord.). *MIRANDUM*, n. 17, Ano X, 2006, p. 39-58. <u>Internet</u>.



Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Conclusão

O escritor italiano Cassiodoro (c. 485-580) enfatizou a importância dos monges copistas para manter o "rebanho de Deus" longe dos malefícios do pecado: "pregar aos homens com a mão, abrir línguas com os dedos, dar em silêncio salvação aos mortais e – com a cana e a tinta – lutar contra as ilícitas insinuações do diabo". 17

No lar dos monges, no mosteiro, o arrependido cavaleiro da *Cantiga 45* e outra miríade de homens encontraram um meio de vida comunitária mais solidária, culta e espiritualizada que aquela do mundo secular extramuros.

Fontes

AFONSO X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria. Edição crítica de Walter Mettmann. Madri: Castalia, 1986-1989, 4 v.

AFONSO X, o Sábio. Las siete partidas. Ed. fac-símile de Salamanca, 1555. In: BOLETÍN oficial del Estado Madri, 1985.

BENTO DE NÚRSIA. Regra de São Bento (c. 530). Internet.

CASSIODORO. *Instituições*, cap. 30 – sobre os copistas e a recordação da ortografia. Publicado em VIDETUR 31.

RAMON LLULL. O Livro da Ordem de Cavalaria. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000. Internet.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

COSTA, Ricardo. "O deambulatório dos anjos: o claustro do mosteiro de Sant Cugat del Vallès (Barcelona) e a vida cotidiana e monástica expressa em seus capitéis (séculos XII-XIII)." *In:* LAUAND, Luiz Jean (coord.). *MIRANDUM*, n. 17, Ano X, 2006, p. 39-58. <u>Internet</u>.

DUBY, Georges. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

HOMS, Roman Piña. *Alfonso, o Sábio e Ramon Llull: suas concepções da justiça e da ordem social.* São Paulo: Instituto Brasileiro de Ciência e Filosofia Raimundo Lúlio, 2013.

HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LE GOFF, Jacques. A civilização do Ocidente medieval. Bauru, SP: Edusc, 2005.

¹⁷ CASSIODORO. *Instituições*, cap. 30 – sobre os copistas e a recordação da ortografia. Publicado em VIDETUR 31.